

## O JORNALISMO A SERVIÇO DA DEMOCRACIA: ANÁLISE DE DISCURSOS VEICULADOS DURANTE AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 POR FOLHA DE S. PAULO, NEXO, THE INTERCEPT BRASIL E JORNALISTAS LIVRES<sup>1</sup>

Amanda Escobar Costa<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel desempenhado, atualmente, pelo jornalismo brasileiro, em plataformas digitais, na mediação e publicização de argumentos no debate público sobre tópicos fundamentais da democracia durante o período das eleições de 2018. Para isso, busca fazer um comparativo entre discursos veiculados pelo jornalismo de referência e por veículos “nativos” de plataformas digitais, que se situam fora do escopo do jornalismo de referência no campo jornalístico e, em diferentes medidas, representam alternativas a este. Assim, a pesquisa analisou um *corpus* formado por 14 textos jornalísticos publicados em *Folha de S. Paulo*, *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres* entre 6 de setembro e 29 de outubro de 2018.

**Palavras-chave:** *Jornalismo; Democracia; Discurso; Liberdade de imprensa; Eleições.*

### INTRODUÇÃO

A liberdade de imprensa e a liberdade de expressão, enquanto adventos democráticos, assumem papéis fundamentais para o funcionamento do trabalho jornalístico. A democracia guarda, nos seus fundamentos, o princípio de que o poder

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi e se insere no âmbito do projeto “Liberdade de expressão e direitos humanos no século XXI: os discursos jornalísticos em suportes impressos e digitais”, liderado pela Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e estudante do 7º semestre de História da Universidade de São Paulo (USP).

emana do povo e em seu nome é exercido, de forma que se mostra fundamental para o seu funcionamento o livre fluxo de informações e opiniões (BUCCI, 2009).

No século XXI, com o fim dos órgãos oficiais de censura do século XX, a expansão das mídias digitais e o surgimento de novos modos de participação política, a discussão sobre liberdade de expressão assume novos contornos. Com a Constituição Brasileira de 1988, que veda totalmente a censura, a imprensa e os meios de comunicação brasileiros saíram finalmente do jugo da burocracia censória estatal; dessa forma, após o fim do controle direto do Estado sobre os discursos que circulam na esfera pública, a liberdade de expressão e seus entraves tornam-se objeto de discussão no debate público.

Diante disso, este trabalho focaliza, como objeto de estudo, os discursos sobre valores centrais das democracias modernas, especialmente liberdade de expressão e de imprensa, visibilizados por veículos jornalísticos durante as eleições presidenciais de 2018. A pertinência do tema justifica-se pela relevância de se compreender o papel desempenhado pela imprensa na mediação do debate público em um momento decisivo à conformação de disputas discursivas em torno dos pilares da democracia brasileira.

Nosso objetivo central diz respeito à compreensão do papel desempenhado, atualmente, pelo jornalismo brasileiro, em plataformas digitais, na mediação e publicização de argumentos no debate público sobre tópicos fundamentais da democracia (razão de ser da própria liberdade de imprensa), por meio de uma análise comparativa dos discursos veiculados por jornais de referência e por veículos “nativos” de plataformas digitais, que se situam fora do escopo do jornalismo de referência no campo jornalístico e, em diferentes medidas, representam alternativas a este. A problemática de pesquisa pode ser sintetizada na seguinte pergunta-chave: como se caracterizaram os discursos produzidos por veículos posicionados em diferentes locais do campo discursivo jornalístico durante a cobertura das eleições presidenciais brasileiras de 2018?

Interessa-nos, sobretudo, compreender como os veículos jornalísticos em foco se posicionaram em um momento de debate público fundamental ao futuro de nossa democracia e no qual estavam em jogo sentidos muitas vezes contraditórios acerca de valores que constituem os pilares da vida democrática, como liberdade de expressão, liberdade de imprensa e direitos humanos. Como principal hipótese de investigação, destaca-se a possibilidade de que os veículos analisados apresentem diferentes estratégias discursivas por meio das quais foi realizada a cobertura da corrida eleitoral de 2018.

O *corpus* de pesquisa se baseia na seleção de matérias publicadas entre 6 de setembro e 29 de outubro de 2018 pelos veículos *Folha de S. Paulo*, *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres*. A partir de critérios de seleção e recortes explicitados mais adiante neste artigo, chegamos a um conjunto de 14 textos, que foram analisados com base em aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso.

Guiam-nos nesse percurso, especialmente, a concepção do linguista francês Patrick Charaudeau (2009) a propósito da natureza compósita da máquina midiática, o papel dos discursos jornalísticos de construir representações mais ou menos parciais da realidade social (jornalismo como “espelho deformante”) e a constituição do espaço público por “discursos circulantes”<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, mantemos no horizonte deste trabalho as considerações de Michel Foucault (2008) a respeito da imbricação entre discurso, verdade e poder, com destaque para o fato de o próprio discurso constituir um objeto de desejo ligado à realização do poder e, como tal, estar sujeito a mecanismos de controle em todas as sociedades.

Uma ferramenta analítica importante às análises conduzidas neste artigo diz respeito ao conceito de “polifonia” e às possibilidades de incorporação do chamado “discurso alheio relatado”, tomadas a partir do trabalho do Círculo de Bakhtin. Como aponta Sheila Vieira de Camargo Grillo, em um trabalho sobre os modos de incorporação do discurso alheio,

A perspectiva dialógica da enunciação procedente dos trabalhos de círculo de Bakhtin permite abordar as formas de discurso relatado, ao mesmo tempo, sob os prismas da sua independência enunciativa e da sua apreensão/transmissão, ou seja, como o enunciador se relaciona com as vozes alheias e como ele se incorpora em seu discurso (GRILLO, 2005, p. 101).

Embora tal abordagem represente uma perspectiva teórica distinta daquela representada por Charaudeau (2009) e Foucault (2008), entendemos que ela oferece contribuições importantes a este trabalho na medida em que possibilita identificar e comparar as estratégias discursivas adotadas pelos veículos jornalísticos à luz das vozes incorporadas nas matérias e dos modos pelos quais se dá essa incorporação – elemento

---

<sup>3</sup> Nas palavras de Charaudeau (2009, p. 118): “o discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados”.

fundamental à compreensão de como se realiza a construção de representações do debate público pelos jornais.

## ESFERA PÚBLICA, DEMOCRACIA E LIBERDADE DE IMPRENSA

A esfera pública é um conceito que está relacionado à história social. Em *mudança estrutural da esfera pública*, do filósofo alemão Jürgen Habermas, observamos as consequências decorrentes de transformações históricas, sociais e econômicas ligadas à formação de uma sociedade burguesa, que trará profundas mudanças no debate social.

A circulação de mercadorias e informações ganhou novos aspectos no comportamento social e impulsionou a formação de uma esfera pública pensada nas premissas do capitalismo mercantil, ou seja, a dinâmica comercial não só estimulava a independência financeira como também possibilitava a formação de discussões e opiniões.

Simultaneamente, essa dinâmica econômica também trouxe profundas mudanças no exercício do jornalismo, que se massifica e alcança novos públicos. Se, por um lado, a construção de um debate público e racional pressupõe a independência do jornalismo em relação ao Estado, é inegável que a imprensa está sujeita aos impactos dos poderes econômicos, políticos e sociais na sociedade burguesa.

A sua atividade se limitava essencialmente à organização da circulação das notícias e a verificar essas próprias notícias. – A este momento econômico se acresce, no entanto, um novo momento, político no sentido mais amplo, assim que a imprensa de informação evoluiu para uma imprensa de opinião e que um jornalismo literário passou a concorrer com a mera redação de avisos. Bücher descreveu, numa frase, os grandes traços dessa evolução: “Os jornais passaram de meras instituições publicadoras de notícias para, além disso, serem portavozes e condutores da opinião pública, meios de luta da política partidária. Isso teve, para a organização interna da empresa jornalística, a consequência de que, entre a coleta de informações e a publicação de notícias, se inseriu um novo membro: a redação. Mas, para o editor de jornal, teve o significado de que ele passou de vendedor de novas notícias a comerciante com opinião pública” (HABERMAS, 2003, pp. 213-214).

Essa “mudança estrutural na esfera pública”, como a nomeia Habermas<sup>4</sup>, tem papel fundamental ao modo como se organiza o debate público nas democracias modernas.

---

<sup>4</sup> À medida que a imprensa ganhava novos espaços para emitir opiniões e que, de certa forma, atingia as estruturas do topo da pirâmide social, tornava-se refém do pensamento mercadológico. Era necessário e conveniente que a burguesia em ascensão propagasse os ideais do livre comércio por meio dos mecanismos de comunicação, um dos pontos fundamentais da análise histórico-social apresentada por Habermas; trata-se de uma reflexão importante para compreender o modo como os critérios econômicos influenciam, desde então, o trabalho jornalístico.

Nesse contexto, apenas quando livre a imprensa pode desenvolver sua função necessária ao exercício da cidadania: “sem o livre fluxo de informações e opiniões, o regime democrático não funciona, a roda não gira. A delegação do poder e o exercício do poder delegado dependem do compartilhamento dos temas de interesse público entre os cidadãos” (BUCCI, 2009, p. 114).

Pensando na construção dos ideais do âmbito democrático, é possível dizer que a liberdade de imprensa tem o dever de servir o cidadão e vigiar o poder público. Também é possível observar, nas ideias de Bucci (2009), a importância do fluxo de informações para ampliar o debate na sociedade e o compromisso que a imprensa exerce para o funcionamento das relações democráticas: “Quanto mais inclusiva, mais a democracia se empenha em expandir o universo dos que têm acesso à informação e garante transparência na gestão da coisa pública. Quanto mais vigorosa, mais ela faz circular as ideias” (BUCCI, 2009, p. 113).

O crescimento do poder do debate público, ao ser atrelado aos meios de comunicação, tem em sua gênese o reflexo da formação de uma sociedade europeia burguesa, porém é necessário considerar como esse legado chegará para a cultura do Brasil e de que forma a liberdade de expressão irá operar na esfera do jornalismo brasileiro.

Isso porque o Brasil possui um extenso legado de censura, iniciado na colonização. A Igreja não permitia a circulação de alguns livros em Portugal e também na colônia, como, por exemplo, as obras de Gil Vicente, que foram proibidas de circular pelo território brasileiro durante o processo de colonização e catequização dos nativos (MATTOS, 2005). Essa observação feita por Mattos é fundamental para compreendermos as características da censura imposta às produções intelectuais e, futuramente, ao jornalismo em solo brasileiro. Aqui, a censura nasceu antes mesmo de germinar uma cultura impressa.

Mais recentemente, o período da ditadura civil-militar no Brasil reflete o embate da experiência da liberdade de expressão com o poder autoritário. Como registra Mattos:

No mesmo mês e ano em que Lei de Imprensa foi sancionada, por decisão do juiz de menores de São Paulo, a revista Realidade teve a sua edição especial, dedicada ao tema “A mulher brasileira hoje”, apreendida porque foi considerada “obscena”. Em julho de 1967, o proprietário do jornal Tribuna da Imprensa, o jornalista Hélio Fernandes, foi mantido prisioneiro na ilha de Fernando de Noronha por ter feito críticas ao ex-presidente Castelo Branco (MATTOS, 2005, p. 114).

As fontes historiográficas citadas por Mattos evidenciam um repertório jornalístico contrário aos propósitos dos militares e vai de encontro aos estudos do historiador Marcos Napolitano (2013). Nela, o autor afirma:

O Ato Institucional de 9 de Abril de 1964 foi o primeiro sinal de alerta que aquele golpe não era igual aos outros. Não por acaso, logo após a edição do Ato, um dos jornais mais raivosos na oposição liberal contra o governo Goulart, o jornal *Correio da Manhã* (CM), romperia com o regime que tinha ajudado a criar. (NAPOLITANO, 2013, p. 82).

Os trechos retirados das obras de Mattos e Napolitano apontam a extensão e o enraizamento da experiência do Brasil com a censura. Além disso, também nos possibilitam mensurar a importância da liberdade de expressão para a garantia dos direitos humanos e proteção das instituições democráticas, quadro que se torna ainda mais complexo quando consideramos a extensão desse legado de violação no Brasil contemporâneo, mostrado no relatório da Anistia Internacional divulgado em 2017 e baseado em dados referentes a 2016<sup>5</sup>.

### LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS: ESTABELECENDO RECORTES

Esta pesquisa se baseia na concepção de construção do percurso metodológico da pesquisa científica desenvolvida no trabalho de Lopes (2010). A amostragem da pesquisa inclui tanto matérias publicadas por veículos brasileiros ditos independentes e/ou alternativos, atuantes em plataformas digitais, com relevância no debate público e cuja produção adequa-se aos critérios necessários para sua classificação como “jornalística”, quanto matérias publicadas pelo chamado “jornalismo de referência”, representado neste estudo pela *Folha de S. Paulo*, em sua versão digital. A escolha da *Folha* justifica-se por se tratar de um veículo de abrangência nacional e por possuir uma das maiores circulações entre os jornais de referência do País, segundo dados de 2017 do Instituto Verificador de Circulação (IVC).

Com o advento das transformações tecnológicas, especialmente a expansão da internet e das ferramentas digitais de comunicação, observamos o surgimento de plataformas de trabalhos jornalísticos que buscam, em sua maioria, consolidar propostas editoriais em diferentes medidas “alternativas” ou “distintas” daquela representada pelo

---

<sup>5</sup> Para mais informações, consultar o link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/anistia-aponta-violacoes-de-direitos-humanos-no-brasil-em-2016.ghtml>.

jornalismo de referência. Esses veículos serão representados nesta pesquisa por *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres*.

Por tratar-se de um momento-chave para articulação e circulação de discursos que discutam os fundamentos da democracia no Brasil, o período analisado compreendeu um mês antes do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 (portanto, dia 6 de setembro daquele ano) até o dia seguinte ao segundo turno (29 de outubro), segundo calendário eleitoral divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Além de sua relevância diante dos objetivos do trabalho, trata-se de um intervalo próximo à atualidade, de manejo viável dentro das dimensões de uma pesquisa de Iniciação Científica e suficientemente extenso para comportar a identificação de dados discursivos significativos na cobertura jornalística.

Com relação à técnica de coleta empregada, as buscas de matérias jornalísticas foram conduzidas junto aos portais ou acervos digitais dos veículos escolhidos. No caso da *Folha*, os motores de busca oferecidos no acervo digital viabilizaram o uso de filtro por período, seções e palavras-chave. O levantamento priorizou as matérias mais relevantes do período e a marcação da seção “edições impressas”, buscando abarcar textos publicados tanto em suporte impresso – terreno por excelência do jornalismo de referência – quanto digital. As palavras-chave utilizadas foram “democracia”, “liberdade de expressão”, “liberdade de imprensa” e “direitos humanos”, que representam conceitos-chave ao debate democrático, ao quadro teórico desta pesquisa e, de forma mais ampla, ao Jornalismo e ao campo da Comunicação. Já no caso das plataformas de *Nexo*<sup>6</sup>, *The Intercept Brasil*<sup>7</sup> e *Jornalistas Livres*<sup>8</sup>, as técnicas de coletas empregadas apresentaram particularidades, pois cada portal segue um padrão de busca próprio, diferente do adotado pela *Folha*.

---

<sup>6</sup> No caso do *Nexo*, encontramos o botão de busca na plataforma, mas não temos um filtro de período e seções, o que dificulta a procura por datas e palavras-chave, de modo que, para seguir o critério adotado em relação à *Folha*, foi necessário utilizar o aplicativo desenvolvido pelo veículo, que oferece uma espécie de acervo com marcações de datas e dias da semana; somente dessa maneira, foi possível selecionar as principais matérias relevantes para esta pesquisa. É interessante observar que, diferentemente dos outros jornais pesquisados, o aplicativo do *Nexo* disponibiliza *hiperlinks* que direcionam para matérias publicadas em outros veículos.

<sup>7</sup> No caso da coleta de matérias junto ao *The Intercept Brasil*, como, diferentemente da *Folha* e do *Nexo*, a plataforma não oferece opção de busca de matérias, foi preciso realizar a seleção das principais notícias de forma manual, o que evidencia uma diferença significativa nos recursos disponibilizados aos usuários pelo veículo em relação ao que identificamos em outros jornais da pesquisa.

<sup>8</sup> Como a plataforma dos *Jornalistas Livres* não oferece a opção de filtragem para seus usuários, foi preciso realizar a coleta das matérias de forma manual. É interessante observar que, embora o modelo de busca adotado na plataforma não consiga reproduzir os recursos oferecidos pelo jornal *Folha de S. Paulo*, percebemos um padrão semelhante ao adotado pelo *Nexo* e diferente do presente no *The Intercept Brasil*.

A partir dos procedimentos adotados, chegamos a um total de 113 matérias jornalísticas, sendo 54 delas veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*, 26 matérias veiculadas pelo *Nexo*, 23 pelo *The Intercept Brasil* e dez pelo *Jornalistas Livres*. Embora esse conjunto de dados fundamente um olhar geral e abrangente sobre a cobertura dos veículos das eleições presidenciais brasileiras de 2018, uma análise qualitativa mais detida dos textos implicaria, invariavelmente, no estabelecimento de recortes de modo a se obter um conjunto de matérias cujo manuseio se fizesse viável na dimensão deste artigo.

Para tanto, priorizamos, em todos os jornais, textos que apresentassem simultaneamente ao menos das palavras-chave adotadas à pesquisa. Esse primeiro corte ainda resultou em um número excessivamente grande de achados, de modo que, em um segundo momento, selecionamos, com base em um olhar qualitativo, as matérias que apresentassem maior consistência e relevância para o exame da problemática em foco no trabalho. Assim, dos 113 textos inicialmente localizados, foram selecionados, para composição do *corpus* de análise, 14 achados considerados relevantes para o exame discursivo à luz dos conceitos norteadores do trabalho, sendo quatro deles da *Folha*<sup>9</sup>, quatro do *Nexo*<sup>10</sup>, três do *The Intercept Brasil*<sup>11</sup> e três dos *Jornalistas Livres*<sup>12</sup>.

## ANÁLISE DISCURSIVA

Após o processo de busca e seleção das matérias veiculadas pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres*, as 14 matérias constituintes do *corpus* de pesquisa foram analisadas de modo a se apontar, criticamente, as principais

<sup>9</sup> No caso específico desse veículo, que mantém uma divisão tradicional entre cadernos, realizamos um corte em função de editorias: assim, foram selecionadas apenas matérias publicadas nas editorias de “Poder” e “Mercado”, já que tais editorias permitiriam traçar relações entre nosso material empírico e as reflexões apresentadas no Quadro Teórico de Referência desta pesquisa, a partir de matérias que priorizassem as interfaces entre as discussões sobre liberdade de expressão e liberdade de imprensa e as forças políticas e econômicas que atuam na esfera pública burguesa.

<sup>10</sup> Entre os quatro textos de *Nexo* selecionados para a composição do *corpus* de pesquisa, vale destacar uma entrevista realizada com o jornalista e professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP Eugênio Bucci, um dos autores que compõem nosso Quadro Teórico de Referência.

<sup>11</sup> Nesse caso, cabe observar que o veículo apresenta um portal digital diferente daqueles do *Nexo* e da *Folha*: na lateral da plataforma, encontramos as sugestões de interação “sobre e contatos”, “seja nossa fonte”, “inscreva-se para a newsletter”, “vozes”, “vídeos” e “documentos”. A página principal carrega as notícias tidas como mais importantes, em ordem cronológica. As pesquisas concentraram-se, então, na curadoria oferecida pelo próprio veículo a partir da página principal do portal.

<sup>12</sup> Já em relação ao portal digital *Jornalistas Livres*, a priorização da seção “Política” resultou no levantamento do total de dez matérias citado anteriormente. A partir dos mesmos procedimentos de recorte adotados para os demais veículos, foram selecionados para composição do *corpus* três textos que abordam ao menos duas das palavras-chave adotadas à pesquisa e mostram-se significativos para a análise das discussões em foco.

estratégias discursivas adotadas pelos veículos em foco durante a cobertura das eleições presidenciais de 2018. Para tal, mobilizamos centralmente o conceito de “polifonia”, destacando a leitura proposta por Grillo (2005). Nesse percurso, buscamos compreender, sobretudo, o modo como o debate sobre liberdade de expressão e liberdade de imprensa foi representado nesse recorte da esfera pública brasileira.

Nas próximas páginas, as reflexões são apresentadas em função de cada veículo analisado. Inicialmente, focalizamos as articulações discursivas presentes na *Folha de S. Paulo*, considerando suas especificidades enquanto veículo representativo do chamado “jornalismo de referência”; é importante observar que esse dado confere uma posição de legitimidade e prestígio ao jornal no campo discursivo jornalístico<sup>13</sup>. Em seguida, focalizamos separadamente aspectos identificados em *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres*, que representam nesta pesquisa perspectivas em diferentes graus “alternativas” ao jornalismo de referência: todos correspondem a veículos que surgem já em um contexto de advento de mídias digitais, período em que os aspectos sociais e tecnológicos mudaram as nossas relações com as produções jornalísticas tradicionais. Como consequência da viabilização de um espaço virtual e interativo pela Internet, as audiências ganham, por um lado, mais independência analítica e produtiva (LÉVY, 1999), ao mesmo tempo em que deparamo-nos com os desafios da desinformação generalizada (PAGANOTTI, 2018). Essa nova relação com as mídias traz desafios e implica em tensionamentos em relação ao trabalho jornalístico, sobretudo da imprensa de referência.

## 1. FOLHA DE S. PAULO

No dia 1º de outubro de 2018, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou a seguinte manchete na editoria poder: “Toffoli proíbe entrevista de Lula à Folha e respalda a decisão de Fux”. Ao longo do texto, os termos “liberdade de expressão” e “liberdade de imprensa” aparecem mais de quatro vezes, e a palavra “democracia” aparece uma vez. Essa matéria

---

<sup>13</sup> O conceito de “campo” perpassa a obra de Bakhtin e de seu círculo, referenciais caros a esta pesquisa: “a esfera ou o campo da comunicação discursiva é um conceito chave para compreendermos o modo de articulação entre os domínios da Sociologia, da Linguística e da Teoria Literária” (GRILLO, 2005, p. 134). Ao conceito de “campo”, é possível articular a dimensão discursiva presente no trabalho do linguista francês Dominique Maingueneau (2008), que estabelece um diálogo evidente com a perspectiva de Bakhtin. Segundo Maingueneau (2008), é possível delimitar campos discursivos no universo discursivo de um tempo e lugar. Assim, o campo é descrito como caracterizado por um conjunto de discursos de mesma função social (podemos falar, por exemplo, em discursos políticos, econômicos, científicos, filosóficos etc.), que concorrem entre si.

chama a atenção entre as notícias publicadas desde o dia 6 de setembro de 2018, pois, antes de sua data de publicação, a cobertura jornalística feita na editoria em foco trouxe a palavra “democracia” apenas nas falas dos entrevistados. Ou seja: a matéria citada corresponde ao primeiro momento, dentro do recorte observado, em que a *Folha* mobiliza o conceito de “democracia” como elemento central à própria construção da narrativa apresentada no texto. Para além da censura imposta ao jornal sofreu no caso da entrevista de Lula – fator que parece motivar a virada na forma como o jornal mobiliza os sentidos de democracia na cobertura das eleições –, as discussões em torno dessa palavra-chave mostram-se decisivas na nos discursos jornalísticos ao longo da corrida eleitoral de 2018.

Outra matéria que se destaca foi veiculada no dia 18 de outubro de 2018, quando a *Folha* trouxe na manchete: “Bolsonaro nega controlar campanha de empresas no WhatsApp”. Dias antes, o jornal havia revelado a prática, ao que Bolsonaro respondeu posteriormente em uma transmissão em rede social na qual criticou o jornal: “‘A Folha, sempre a Folha. É um jornal que realmente cada vez se afunda mais na lama’, disse, acrescentando não ter necessidade de ajuda de empresários e acusando a Folha de estar ‘jogando no time de Haddad’” (FOLHA DE S. PAULO, 18/10/2018, *online*). Nessa matéria, a palavra “democracia” aparece uma vez, na fala do entrevistado Fernando Haddad, então presidenciável.

Dias depois desse episódio, encontramos a manchete “Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes”. No texto, a palavra “democracia” aparece na fala do candidato durante manifestação próxima ao segundo turno das eleições, no dia 25 de outubro de 2018. No dia 18 de outubro, a *Folha* havia publicado a notícia “Ministro do TSE nega pedido de direito de resposta de Bolsonaro na Folha”, na qual aparecem as expressões “democracia”, “liberdade de expressão” e “liberdade de imprensa” em falas do ministro do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) Sérgio Banhos e dos advogados do jornal.

Com base no material selecionado, é interessante observar que a *Folha* procura reiteradamente mostrar “os dois lados” envolvidos nas polêmicas cobertas, muitas vezes colocando-os em posição de equivalência, e adotando para isso recursos de incorporação de discurso alheio relatado (GRILLO, 2005), com citações de fontes em discurso direto, que são responsáveis, em grande medida, pela invocação explícita de discussões relacionadas a temáticas-chave da democracia, como liberdade de expressão e imprensa, com o uso, inclusive, das palavras-chave que representam tais debates.

Vale reforçar, também, que a cobertura da proibição da entrevista de Lula para o jornal representa um ponto de virada na cobertura do jornal, já que é neste momento que a própria expressão “democracia” aparece não na voz de outrem, mas sim, na voz do próprio enunciador da matéria. Esse dado sugere que o peso atribuído às discussões em torno dos limites da democracia, postos à prova em uma corrida eleitoral como a de 2018, apresenta-se de forma desigual na cobertura da *Folha*, aparecendo quase sempre como uma problemática “colateral” à concretude dos fatos abordados nas matérias.

Ao mesmo tempo, é preciso assinalar, em todas as matérias observadas, a *Folha* preocupa-se em incorporar relativa diversidade de fontes, apontando os “dois lados”, ou por vezes “vários lados”, dos acontecimentos. Não obstante, tais falas são incorporadas com finalidade quase sempre meramente ilustrativa, por meio de pequenos fragmentos com contextualização limitada, sem que se estabeleça entre elas um diálogo de fato; nesse sentido, é possível afirmar que as diversas vozes que se intercalam no discurso do jornal não se mostram “autônomas”, isto é, sua incorporação pelo jornal não visa a um efeito de sentido de autonomia enunciativa dessas vozes<sup>14</sup>. Todas as vozes estão subordinadas a uma “voz principal”, a do enunciador textual, cuja principal identidade vincula-se a um efeito de sentido simultaneamente de “objetividade” e “pluralismo”.

Por isso, longe de considerá-lo de fato como polifônico, podemos classificar o discurso da *Folha*, a partir do exame da cobertura das eleições 2018, como caracterizado por um *pluralismo de mercado*. Para além das características identificadas no *corpus* em foco nesta pesquisa, é fundamental entender essa classificação em sua imbricação com aspectos institucionais do próprio veículo. Assim, é preciso lembrar que a configuração atual do jornal remete à implantação do Projeto Folha, nos anos 1980, fortemente influenciada pelo modelo adotado no jornal *USA Today*, como reconhece Carlos Eduardo Lins da Silva em *O adiantado da hora*. Segundo Luiz Carlos Azenha, no prefácio à obra de Lins da Silva, dentre os princípios consagrados nos Estados Unidos que inspiraram o Projeto Folha, incluem-se aspectos de apresentação gráfica, a ênfase no papel de “cão de guarda” da imprensa, em sua vigilância do poder, a autocrítica pública (por meio do ombudsman) e o estreitamento das relações com o mercado (AZENHA, 1991, p. 16).

---

<sup>14</sup> Como entendida por Mikhail Bakhtin (2013), a polifonia diz respeito à combinação de vozes em um texto e só é efetivamente alcançada quando essas vozes não estão subordinadas à lógica organizadora de uma voz ou “consciência” central.

Na chave das críticas mercadológicas ao reposicionamento da *Folha* empreendido nos anos 1980, Beatriz Kushnir entende o engajamento do jornal nas Diretas-Já e a implementação do Projeto Folha como “jogadas” de marketing. Para ela, o novo projeto editorial adotado pela Folha visava à “difusão e venda do jornal como um produto mercadológico” (KUSHNIR, 2004, p. 339). Na mesma linha, para José Arbex Júnior, “o Projeto Folha, sinteticamente, significou a adoção do discurso-para-o-mercado como estratégia empresarial e editorial” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 141).

## 2. NEXO

Em 29 de setembro de 2018, o *Nexo* trouxe a seguinte manchete no canal expresso: “Os atos contra Bolsonaro. E como eles afetam a campanha”. Ao longo do texto, aparecem as palavras “democracia” e “direitos humanos” nas falas dos entrevistados; além disso, uma das fontes utilizadas pelo jornal para compor esta matéria é o resultado de uma pesquisa do Datafolha feita entre os dias 26 e 28 de setembro, a respeito da porcentagem das intenções de votos para Bolsonaro. Observamos, na matéria, a proposta de abordar os protestos liderados por mulheres contra Bolsonaro de maneira reflexiva, por meio da apresentação de uma interpretação dos efeitos das manifestações sobre as eleições, indica a adoção de uma estratégia discursiva diferente daquela adotada pelo jornalismo de referência praticado pela *Folha*. Esse dado sugere uma ampliação e maior autonomia enunciativa das vozes representadas na matéria.

Um pouco antes do primeiro turno das eleições presidenciais, o jornal *Nexo* entrevistou Eugênio Bucci e elaborou uma pergunta com base na difusão de notícias falsas que circularam durante aquele período: “O que levou o Brasil a esse estado de desinformação e como ele afeta a democracia? O direito à liberdade de expressão permite fabricar notícias falsas? Foi sobre isso que o *Nexo* conversou com Eugênio Bucci” (PIMENTEL, 06/10/2018, *online*). A pergunta feita pelo veículo coloca como central um debate importante sobre a relação democrática e a liberdade de expressão durante a corrida eleitoral, trazendo-o para o centro das reflexões do entrevistado. Além disso, pode-se notar que, ao longo da matéria, os conceitos de “democracia”, “liberdade de expressão” e “direitos humanos” são mobilizados com significativa frequência.

Com base nesses exemplos, que ilustram tendências marcantes na cobertura do *Nexo*, é possível afirmar que a cobertura desse veículo, dado seu caráter mais reflexivo/interpretativo, confere visibilidade mais evidente do que aquela verificada na *Folha* às

discussões sobre os limites e a crise da democracia, elemento decisivo ao desfecho da corrida eleitoral de 2018, e ancora-se em uma estratégia discursiva voltada à produção de um *efeito de sentido de polifonia*. Segundo Grillo (2005), devemos entender a polifonia como discurso constituído por diferentes falas, enunciações e posições ideológicas: exatamente o que fica evidente quando notamos a autonomia e visibilidade conferida às vozes presentes no trabalho jornalístico feito pelo *Nexo*.

Não à toa, o jornal disponibiliza um aplicativo em que são apresentados hiperlinks que dão acesso a outros jornais, busca trazer um amplo quadro de entrevistados e especialistas para compor as análises presentes nas matérias e, inclusive, utiliza abundantemente dados do Datafolha em seus textos: a polifonia constitui-se não apenas no modo como as vozes de fontes são incorporadas na cobertura, mas também no diálogo empreendido pelo veículo em relação a debatedores proeminentes na esfera pública e outros veículos de comunicação.

### 3. THE INTERCEPT BRASIL

A cobertura jornalística feita pelo *The Intercept Brasil* apresenta aspectos diferentes daqueles identificados nas estratégias adotadas pelo *Nexo*. A principal delas diz respeito ao fato de o veículo adotar um posicionamento abertamente crítico, defendendo valores democráticos à luz de uma postura de “vigilância” em relação aos poderes estabelecidos. No dia 12 de setembro de 2018, o *The Intercept Brasil* trouxe a seguinte manchete: “Generais intimidam os eleitores e chantageiam a democracia”. A construção do texto assume um claro posicionamento em defesa da democracia, conforme pode ser observado no trecho a seguir: “Com seus devaneios sobre ‘intervenção militar’ e ‘autogolpe’, o general Mourão têm composto com seu camarada Villas Bôas um jogral intimidador. Viúvas da ditadura se excitam e sonham com o futuro repetindo o passado” (MAGALHÃES, 12/09/2018, *online*).

Em outra matéria, publicada no dia 26 de setembro de 2018, o veículo destacou a seguinte manchete: “A verdade é dura: quem fica em cima do muro consente com as ideias nazifascistas do bolsonarismo”. As discussões apresentadas nas duas matérias mencionadas trazem os termos “democracia” e “direitos humanos” ao longo do texto, ao lado do uso de dos dados do Datafolha, como forma de apontar a ascensão do bolsonarismo e a ameaça por ele representada aos valores democráticos, denúncia que

pode ser observada no trecho: “A ameaça de eliminação das minorias conecta o bolsonarismo a ideias estimadas pelo nazifascismo” (MAGALHÃES, 26/09/2018, *online*).

Por tudo isso, é possível apontar que as matérias do *The Intercept Brasil* que compõem nosso *corpus* de pesquisa apontam para uma produção menos polifônica do que aquela verificada no *Nexo* e, ao mesmo tempo, marcada por uma estratégia discursiva voltada à demarcação de uma posição de *independência em relação aos poderes estabelecidos*, sobretudo a instituições do Estado e às forças políticas em jogo na corrida eleitoral. Essa estratégia materializa-se na reiteração de um posicionamento de defesa aberta da democracia e de denúncia das ameaças a seus pilares que já se anunciavam então. É esse posicionamento de “vigilância permanente” que orienta a presença de um viés crítico na cobertura do veículo que não se apresenta em matérias da *Folha* ou mesmo do *Nexo*.

#### 4. JORNALISTAS LIVRES

Caracterizamos a cobertura produzida pelo *Jornalistas Livres* como marcada pela afirmação de um *contraponto partidarizado*, que visa apresentar um “outro lado” – entendido, aqui, como “outro lado ideológico” e traduzido em um “espelhamento” quase automático – em relação às produções jornalísticas do jornalismo de referência. Assim, no dia 1º de outubro de 2018, o veículo trouxe a seguinte manchete: “Dias Toffoli é um censor, um covarde, um inquisidor, um verme moral”.

Ao longo da matéria, apresenta-se o seguinte argumento: “Por milhares de vezes, quando rastejava aos pés dos dirigentes do PT, Dias Toffoli jurou amor à Democracia e ao Estado de Direito. À luta dos trabalhadores e às possibilidades que um governo popular teria de mitigar a tragédia cotidiana causada por centenas de anos de escravidão e exploração desumanas” (JORNALISTAS LIVRES, 01/10/2018, *online*). É interessante comparar a forma como o fato foi tratado na *Folha de S. Paulo* e as impressões colocadas pelo *Jornalistas Livres*: na manchete, observamos uma dura crítica ao Dias Toffoli, que caracteriza a estratégia de afirmação de um contraponto em relação à imprensa de referência adotada pelo veículo, enquanto no trecho destacado há a defesa de um posicionamento partidário.

A limitação na diversidade de vozes presentes nos textos dos *Jornalistas Livres* também representa um contraponto em relação a aspectos identificados no jornalismo de referência, como evidencia a matéria de 29 de outubro de 2018, intitulada “Futuro incerto

para a democracia, o Jornalismo e os jornalistas”. O texto corresponde, quase na íntegra, à transcrição de uma nota oficial da FENAJ. Obviamente, para além de uma escolha discursiva consciente, a limitação de recursos do veículo explica a presença desse tipo de publicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os veículos *Folha de S. São Paulo*, *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres* representam a complexidade da paisagem midiática contemporânea, mas também a nossa herança histórica de uma esfera pública burguesa que estabelece controle nos modos de operar a democracia e, portanto, nas relações com a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa. Esse processo evidencia-se quando comparamos os discursos que são produzidos por esses canais de comunicação.

Quando pensamos no caso da *Folha de S. São Paulo*, que produz um discurso que aqui caracterizamos como marcado por uma estratégia de “pluralismo de mercado” e, segundo o seu manual de redação, tem o compromisso de exercer um trabalho crítico, pluralista e apartidário, seguindo o modelo adotado no jornal *USA Today*, é preciso lembrar que esse veículo acabou por nortear boa parte da produção jornalística brasileiras nas últimas décadas, como é próprio da imprensa de referência. Muitas matérias do *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres* analisadas, por exemplo, fazem referência aos resultados do *Datafolha* e não raro disponibilizam *hiperlinks* em suas plataformas que direcionam para o portal da *Folha de S. São Paulo*. Não obstante, o trabalho produzido por essas mídias representa de algum modo “alternativas” ao jornalismo praticado por veículos de referência e evidencia a necessidade de haver um jornalismo que rompa com o compromisso mercadológico.

Os jornais digitais em alguma medida “alternativos” à imprensa de referência – representados nesta pesquisa por *Nexo*, *The Intercept Brasil* e *Jornalistas Livres* – são fruto desse anseio social e devem ser compreendidos de acordo com esse papel que buscam exercer na esfera pública. Conforme o recorte proposto nesta pesquisa, escolheu-se o período da corrida eleitoral presidencial de 2018 para se analisar os discursos produzidos por esses jornais e compreender suas contribuições para o debate público democrático. Considerando que tivemos um período eleitoral marcado por discursos de ódio, episódios de censura, ataques à imprensa e circulação de notícias falsas, é preciso destacar a importância de uma produção jornalística que confere visibilidade e espaço às diversas

vozes engajadas na discussão e afirmação dos valores democráticos, elementos fundamentais para a defesa da liberdade de imprensa e da liberdade de expressão. Nesse sentido, vale destacar os diferentes graus de pluralismo identificados como ferramenta pertinente à identificação da complexidade do diálogo presente nas páginas da imprensa.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar o papel desempenhado por veículos de imprensa, sejam eles jornais de referência ou representantes de modelos alternativos de jornalismo, em fazer circular discursos sobre os valores que constituem pilares fundamentais da democracia, como liberdade de expressão e imprensa e a garantia dos direitos humanos, conferindo-lhes visibilidade no debate público. Isso porque, em todos os jornais analisados, verifica-se, não obstante as singularidades destacadas, a concessão de espaço a argumentos engajados no debate sobre tópicos essenciais do futuro da democracia durante a corrida eleitoral de 2018. Trata-se de discursos circulantes, na acepção proposta por Charaudeau (2009), que se fazem presentes no espaço público e, emergindo na cobertura jornalística, têm seu potencial de “fazer sentir” e “fazer pensar” amplificado.

Finalmente, a análise dos discursos produzidos por veículos situados fora do espaço do jornalismo de referência no campo jornalístico aponta para a relevância que a ampliação e diversificação de vozes, desde que amparadas no respeito a valores democráticos, representam para a qualidade e adensamento do debate construído na esfera pública. Cabe, porém, considerar a limitação temporal desta pesquisa para a obtenção de conclusões sobre a efetividade do trabalho jornalístico independente e alternativo, o qual ainda carrega desafios para se consolidar na sociedade, enquanto o jornalismo de referência encontra novos obstáculos para conservar sua legitimidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AZENHA, Luis Carlos. “Apresentação”. In: LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991, pp. 13-17.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro nega controlar campanha de empresas no WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, 18/10/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-diz-nao-ter-controle-sobre-acao-de-empresas-no-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGs. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTRO, Roberto José. Bolsonaro e Haddad vão ao 2º turno. Extrema direita avança. **Nexo**, 07/10/2018. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/07/Bolsonaro-e-Haddad-v%C3%A3o-ao-2%C2%B0-turno.-Extrema-direita-avan%C3%A7a?utm\\_source=anexo\\_app](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/07/Bolsonaro-e-Haddad-v%C3%A3o-ao-2%C2%B0-turno.-Extrema-direita-avan%C3%A7a?utm_source=anexo_app)>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Cristina. “Opinião Pública, comunicação, liberdade de expressão e censura”. In: COSTA, Cristina (Org.). **Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão**. São Paulo: Intercom, 2013.

CUNHA, Joana. Especialistas condenam censura de Fux à Folha. **Folha de S. Paulo**, 01/10/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/especialistas-condenam-censura-de-fux-a-folha.shtml>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

JORNALISTAS LIVRES. Dias Toffoli é um censor, um covarde, um inquisidor, um verme moral. **Jornalistas Livres**, 01/10/2018. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/dias-toffoli-e-um-censor/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.

JORNALISTAS LIVRES. Futuro incerto para a democracia, o Jornalismo e os jornalistas. **Jornalistas Livres**, 29/10/2018. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/futuro-incerto-para-a-democracia-o-jornalismo-e-os-jornalistas/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. “Discurso alheio: polifonia e apreensão”. In: SILVA, L. A. (Org.). **A língua que falamos**. Português: história, variação e discurso. 1ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 73-104.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JUNIOR, Turollo Reynaldo. Toffoli proíbe entrevista de Lula à Folha e respalda decisão de Fux. **Folha de S. Paulo**, 01/10/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/toffoli-determina-cumprimento-de-decisao-de-fux-contraintervista-de-lula-a-folha.shtml>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MAGALHÃES, Mário. A verdade é dura: quem fica em cima do muro consente a com as ideias nazifascistas do bolsonarismo. **The Intercept Brasil**, 26/09/2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/09/25/ideias-nazifascistas-bolsonarismo/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

MAGALHÃES, Mário. Generais intimidam os eleitores e chantageiam a democracia. **The Intercept Brasil**, 12/10/2018. Disponível em:

<<https://theintercept.com/2018/09/12/generais-exercito-eleicoes-democracia/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

MAGALHÃES, Mário. Sem uma frente ampla democrática, será mais difícil derrotar Bolsonaro e o golpismo no 2ª turno. **The Intercept Brasil**, 03/10/2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/02/frente-ampla-derrota-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2008.

MANNA, Nuno; JÁCOME, Phellipy; FERREIRA, Thiago. “Recontextualizações do –ismo: disputas em torno do jornalismo ‘em crise’”. **Revista Famecos**, v. 24, n. 3, Porto Alegre, set./dez. 2017, p. 1-20. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26991/1569>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

MARQUES, José. Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes. **Folha de S. Paulo**, 21/10/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

MATTOS, Sérgio. **Mídia controlada: A história da censura no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.

MORAIS, Aloisio. Torcedores dão cartão vermelho para Bolsonaro. **Jornalistas Livres**, 21/09/2018. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/cartao-vermelho-para-bolsonaro/>>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

ORENSTEIN, José. Os atos contra Bolsonaro. E como eles afetam a campanha. **Nexo**, 29/09/2018. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/29/Os-atos-contra-Bolsonaro.-E-como-eles-afetam-a-campanha?utm\\_source=anexo\\_app](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/29/Os-atos-contra-Bolsonaro.-E-como-eles-afetam-a-campanha?utm_source=anexo_app)>. Acesso em: 03 Dez. 2019.

PAGANOTTI, Ivan. “‘Notícias falsas’, problemas reais: propostas de intervenção contra noticiários fraudulentos”. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia (Org.). **Pós-tudo e crise da democracia**. São Paulo: ECA-USP, 2018, p. 96-105.

PIMENTEL, Matheus. Como chegamos a um estado de tanta desinformação. **Nexo**, 06/10/2018. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/10/06/Como-chegamos-a-um-estado-de-tanta-desinforma%C3%A7%C3%A3o?utm\\_source=anexo\\_app](https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/10/06/Como-chegamos-a-um-estado-de-tanta-desinforma%C3%A7%C3%A3o?utm_source=anexo_app)> . Acesso em: 03 Dez. 2019.

VENTURINI, Lilian. O que o TSE fez e o que não fez no combate a notícias falsas. **Nexo**, 16/10/2018. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/15/O-que-o-TSE-fez-e-o-que-n%C3%A3o-fez-no-combate-a-not%C3%ADcias-falsas?utm\\_source=anexo\\_app](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/15/O-que-o-TSE-fez-e-o-que-n%C3%A3o-fez-no-combate-a-not%C3%ADcias-falsas?utm_source=anexo_app)>. Acesso em: 03 Dez. 2019.